

Invasão de terras no Rio Marinho começa a apresentar problemas

Diante da indefinição do governo do Estado, mais especificamente a Secretaria de Cultura e do Bem-Estar Social, na destinação a ser dada às famílias de Rio Marinho, em Cariacica, intervindo ou não na invasão, a cada momento os problemas se avolumam, com mais e mais posseiros chegando e armando suas barracas, sem qualquer infra-estrutura. Agora já começam a aparecer os primeiros sinais da tomada desenfreada das terras, por famílias na maioria das vezes de baixa renda, sem condições sequer de sobreviver nas precárias condições que a favela recém-formada oferece.

Dois fatos de importância social estão se destacando em todo o processo da invasão: o primeiro, a defesa dos lotes arbitrariamente medidos pelos posseiros, que estão permanecendo noite a dentro acordados para proteger os seus "direitos" de outros invasores, que ameaçam tomar-lhes os pedaços de terra. O outro é mais sério, e se refere à denúncia dos próprios moradores da favela de Rio Marinho: pessoas de posse, especialmente proprietários de supermercados estão cercado áreas enormes com ripões, esperando melhorias futuras para então estabelecer seus comércios. Os posseiros citaram "os Schneider", proprietários de supermercados do mesmo nome, como os primeiros a deixar até vigias em áreas já privatizadas por eles, para impedir a invasão das famílias, que continuam a chegar à favela recém-criada.

DEFESA

As famílias que ainda não construíram seus barracos têm que permanecer no local, dia e noite, para evitar que outros que chegam a todo o momento invadam os lotes que já consideram seus. Ontem, segundo os moradores, mais de 50 famílias tiveram que dormir no meio das estradas, por não terem encontrado outro local.

Grande parte do pessoal, para assegurar o terreno que toma conta, está deixando até de se alimentar e outros de fazer as necessidades fisiológicas. Os que têm algumas economias adquirem o gênero de primeira necessidade em Campo Grande ou mesmo em Rio Marinho. As casinhas que construíram, a maioria medindo dois metros por dois, são desprovidas de mínimo para se viver. Em muitos lotes são vistos apenas esteios do que poderá ser um novo barraco, alguns cobertos com folhas do coqueiro, outros simplesmente com papelão ou plástico. Os moradores destas armações afirmam que nem as chuvas fazem que eles abandonem o local, pois têm medo de perder o que dificilmente já conseguiram.

O pessoal que ali se reuniu, segundo afirmam, estão recebendo apoio dos antigos moradores do lugar, que lhes fornecem água. Alguns a retiram nos poços existentes em algumas residências, porém os que ocupam uma área mais distante estão tendo que carregá-la de bastante longe.

POLÍCIA

Os policiais, segundo se comenta, ainda estão investindo contra alguns deles, e ontem mesmo, como afirmaram Nice Marlene dos Santos e Jair Barcellos, estiveram "uns três no local querendo expulsar uma das pessoas que já haviam construído seus barracos dizendo que iriam utilizar o mesmo para instalação de uma delegacia, o que não conseguiram".

Muitas famílias, desesperadas, acusam aqueles que cercaram até três lotes, pensando em revendê-los a seguir. Mas o principal motivo de reclamação são os proprietários de grandes supermercados da Grande Vitória. Segundo informou Nice Marlene dos Santos e Jair Barcellos, "uma área imensa, cercada de ripões brancos, pertence aos Schneider, donos de supermercados com o mesmo nome". Outros posseiros afirmam que eles estiveram no local e deixaram vigias, visando impedir que alguém se aproxime. Acusam ainda outro dono de supermercados em Rio Marinho e Campo Grande, conhecido apenas, por eles, como "Burini".

DIA-A-DIA

O sr. Oscar Benicar está sendo considerado pelo pessoal como um "salvador da pátria", pois doou-lhes madeiras, telhas e eternit. Em diversos barracos estão sendo vendidos bananas, laranjas, balas e um deles já foi denominado "Chega Mais". Pela ladeira constantemente estão subindo pessoas carregando madeiras nas costas, outras utilizando carrinho de mão, corçoas e quando já chegam com mudanças, festas são feitas em caminhões.

O local que ocupam, salientaram ontem diversos posseiros, "não deve incomodar as autoridades, pois servia de covil para bandidos e ninho de cobras". Alguns encontraram em algumas moitas, panelas e outros utensílios., que como dizem, só podem ser roubados. Um rapaz, em volta do pescoço, exibia uma gibóia que conseguiu agarrar ontem quando limpava uma área.

GOVERNO

Para estudar os problemas e sentir a que nível estão chegando, estiveram ontem à tarde no local duas assistentes sociais da Secretaria do Bem-Estar Social mas nenhuma solução foi tomada até o momento. O secretário Clóvis de Barros está esperando os relatórios dessas assistentes sociais para um exame e, a seguir, "ver o que pode ser feito".